

Educar para o futuro?

Sara Milene Barbosa Cavalcanti

Sou formanda em Ciências Biológicas, encantada pelas músicas brasileiras, apaixonada por gatos e por conhecer as diversas faces desse mundão. Acredito que a educação é o melhor caminho para consertar o presente e construir um futuro melhor.

17

Nós, professores, somos acompanhados de várias expectativas e muitas dessas são incompatíveis com a nossa realidade. Uma delas é a ideia de que a nossa profissão vai salvar o futuro da nação, sanando todas as problemáticas sociais existentes e assim transformando o país em uma perfeita propaganda de margarina. Mas até que ponto isso é coerente?

Esse é o meu último semestre como graduanda e para o meu estágio final de formação como professora, fui agraciada em estagiar em uma escola estadual, localizada na cidade de Currais Novos/RN. Fui orientada pela professora Aline Mattos. Também contei com uma dupla, Joanny Coutinho. Fato que me ajudou bastante a encarar os desafios desse estágio. Sem dúvidas, foi muito produtivo e enriquecedor ter alguém para discutir ideias e compartilhar as angústias e as alegrias.

Um ano atípico, ou o ano da pandemia, assim 2020 marca a história da humanidade. O mundo inteiro assolado por uma doença altamente contagiosa e desconhecida, em um piscar de olhos assistimos ao número de mortes e pessoas contaminadas aumentarem de forma assustadora. Lembro de estar na aula presencial de estágio, em uma segunda-feira, com a professora Aline e os meus colegas, discutindo o cronograma do semestre e na semana seguinte já nem sabíamos se iríamos nos formar ainda nesse ano.

Assim, surgiu a oportunidade do estágio em formato remoto. Confesso que meu corpo congelava de medo e ansiedade, sentimentos já cotidianos dos estagiários, mas dessa vez veio como um tsunami de emoções. Na regência presencial há uma liberdade maior para o pla-

nejamento das aulas, infinitas possibilidades de experimentos, dinâmicas e a avaliação do processo de ensino e aprendizagem é melhor de ser desenvolvida. Além de tudo isso, pessoalmente, acredito que o contato direto com os estudantes serve como uma bússola pedagógica para os planejamentos das aulas. A expressão nos rostos, o diálogo sem emojis ou figurinhas de *WhatsApp* e poder observar como aquela aula está fluindo baseado no comportamento da turma, tudo isso cria um elo entre professor e aluno, ademais, proporciona o entendimento de como o conteúdo pode ser ensinado melhor para cada mente ali presente.

No início, o ensino remoto causava uma confusão e uma petrificação dos pensamentos, não sabíamos ao certo o que fazer, então, apareceu a ideia de aproveitar esse momento para ministrarmos aulas focadas no ENEM. Seria esse um dos maiores desafios que já enfrentei como estagiária, visto que não me identifico nenhum pouco com essa metodologia de ensino. No entanto, esse ano eu aprendi a desaprender, parece uma frase cômica, porém a considero revolucionária.

Analisando toda minha caminhada até aqui, percebi que em todos os meus estágios desaprendi um pouco. Não! Nem de longe isso tem a ver com o esquecimento, mas sim com uma reconstrução da minha identidade docente. No início do curso, chegamos com a concepção simplificada do ensino, o que é normal, pois, geralmente, é com ela que temos contato durante toda nossa vida escolar. Entretanto, já nos estágios I e II, desaprendi que o ensino é baseado no interior físico da escola e no professor, desaprendi também que os alunos devem ser silenciados e vistos como uma tábula rasa. De-

saprendi que o contexto social, político e econômico em que alunos e professores estão inseridos, não são relevantes. Então, como ficou essa minha identidade docente? Não sei. Por um bom tempo essa foi a resposta. Até que chegou o Estágio III e com ele o meu gosto por associar os conteúdos de biologia com as problemáticas sociais do nosso país. Finalizei o estágio com a certeza de que esse era o meu modo de ensinar.

Retomando ao presente estágio, em meio ao caos que o mundo se tornou, a educação, que já não é prioridade do nosso Estado, pareceu ficar mais esquecida. A maioria das escolas públicas fecharam e as poucas que conseguiram manter o ensino remoto enfrentaram novas barreiras sociais, antes veladas pelo ensino presencial. Essa era a realidade da escola que me abraçou como estagiária.

Nesse contexto, parece impensável que alguém na era da tecnologia não tenha acesso a um computador ou a um smartphone, estar conectado à internet virou tão comum que temos dificuldade em pensar fora desse mundo. Pois bem, esse é o momento em que dou uma risada irônica. Primeira regência do Estágio IV, a minha supervisora de campo sugeriu uma gincana sobre genética, com direito a pontos na disciplina de biologia e muitas prendas, claro! Eu e a minha dupla, começamos super empolgadas, estávamos felizes porque os alunos compareceram à aula e estavam super participativos. Mas algo mudou esse sentimento, um aluno pediu um pouco mais de tempo para responder à questão, pois a tela do seu celular, por onde assistia às aulas, estava quebrada e conseqüentemente ele estava com dificuldade para ler o slide. Nesse exato momento, uma facada emocional trans-

passou meu coração. Obviamente tinha noção das dificuldades do ensino remoto, eu mesma estava com meu computador cheio de problemas, mas ainda tinha um e aquele aluno não. Nunca temos a plena convicção das dificuldades dos outros até que elas também se tornem obstáculos no nosso caminho. Adivinha?! Lá fui eu desaprender novamente. Estava tão relutante e pessimista com esses aulões, tudo porque não era o modo que eu gosto de ensinar. Nem percebi o quanto isso era egoísta. Nem sempre a metodologia que mais me identifico vai corresponder com as realidades e as necessidades dos alunos. Esse era o caso. Naquele momento os alunos precisavam de um suporte para a realização do exame que pudesse garantir a vaga deles no ensino superior e eles merecem ter essa chance, assim como eu tive a minha. Além disso, é bem perceptível que eles estavam ali mesmo em meio a tantas dificuldades. Passei então a trabalhar os meus conflitos internos, tentei alcançar o equilíbrio entre a metodologia que me identifico e a metodologia do ENEM. Aí me toquei de que ser professor é ser flexível, sem perder a essência que te move. O ensino é libertador e por isso não pode ser estático. Não vou dizer que esse entendimento foi fácil, todavia, foi o que me trouxe leveza e coragem para concluir esse estágio. Foram um total de cinco encontros síncronos, o *Google Meet* era a nova sala de aula, foi difícil de me acostumar a utilizar essa ferramenta. Passei por longas e dolorosas lutas internas, pensei até em desistir. No entanto, a cada aula saía me sentindo vitoriosa e com mais estímulo para a próxima.

Quando olho para trás, vejo que todo aquele sentimento ruim e negativo do início do estágio deu lugar a uma coragem imensurável.

Coragem essa que também vejo na professora supervisora, ela sempre apoiou as nossas ideias para as aulas, além de ser a grande responsável por incentivar os alunos a participarem delas e a buscarem seus sonhos, por essa mulher incrível, sinto gratidão. Gratidão que também tenho pelos alunos das 2^a e 3^a séries, não consigo expressar com palavras o quanto o acolhimento e o carinho deles por nós fez a total diferença na nossa jornada acadêmica.

Em um mundo em que, cientificamente comprovado, ficar em casa e ter empatia pelo próximo são atitudes capazes de salvar uma vida, assistimos ao egoísmo sustentado por informações falsas e o negacionismo à ciência. Vimos governantes eleitos por nós colocarem os cidadãos para optarem entre a sua vida e o seu emprego. Então, respondo à pergunta do título. Não! A nossa educação não é para o futuro, é para o presente. A nossa educação é para romper a desigualdade social, a fome, a miséria. A nossa educação é para combater a alienação, é para questionar o porquê de o pobre cada vez ficar mais pobre e o rico cada vez mais rico. Tudo isso está acontecendo agora. A nossa educação é para transcender!

Portanto, digo que não é o fim dessa minha jornada de formação enquanto docente. Acredito que ela nunca terá um final. Pois sou apaixonada por uma educação que se transforma constantemente. Acredito que enquanto professora tenho em minhas mãos o adubo para ajudar as flores já nascidas a ficarem mais fortes e renderem frutos, bem como proporcionar que novas flores nasçam.